



Criado em 1981, o Coral da UnB é referência nacional e reúne pessoas de várias idades em torno da energia que é emocionar o público

Éder Camúzis: "Fazemos questão de carregar no peito, e na voz, a afirmação de que 'nós somos de Brasília'"

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Cantar vai muito além do entretenimento: é uma prática capaz de transformar o estado emocional, aliviar o estresse e até melhorar a saúde física. Márcia Maria Prates, de 72 anos, afirma que esse potencial é real. “Existe aquele ditado, né? ‘Quem canta os males espanta!’ E espanta mesmo, viu?”, brinca.

A aposentada faz parte do Coral da Universidade de Brasília, um dos coros mais antigos da cidade, criado em 1981 por um grupo de alunos da instituição. Mineira de Belo Horizonte, ela veio para Brasília em 1976 para acompanhar o marido, que havia passado em um concurso. Em 1985, após se divorciar, resolveu retornar ao movimento do canto coral. “Sempre cantei em corais, desde criança, mas parei quando me mudei para cá. Aí, quando me divorciei, resolvi voltar a praticar meus hobbies e entrei para um coral”, relembra.

Após alguns anos em outro grupo, foi chamada, em 2002, para fazer um teste para o Coral da UnB. Foi aceita e permanece até hoje, sendo uma das integrantes mais antigas. “Cantar em coral mudou meu astral. A música tem um poder impressionante na nossa vida, ela traz leveza. Além disso, cantar em grupo fortalece laços e nos dá a sensação de pertencimento. Conviver, aprender com os outros e fazer novas amizades é maravilhoso”, declara a aposentada.

Márcia afirma que grupos como esse são essenciais para a saúde mental dos moradores da capital. “Como a cidade recebe pessoas de todas as partes, é comum que muitos se sintam sozinhos ou deslocados. Por isso, participar de grupos é tão importante. Essas conexões fazem muita diferença”, diz.

Vindo do Maranhão, o estudante de direito Pedro Henrique Santos, de 19 anos, afirma que resolveu ingressar no coral, pois tinha a vontade de participar da história da universidade. “É um projeto muito antigo que marca esse ambiente universitário e participar dele traz um senso de pertencimento”, explica. Apaixonado por música, ele afirma que também entrou no projeto para criar vínculos e aprofundar seu gosto pelo mundo musical. “Eu sempre quis que a música estivesse presente na minha vida, independentemente da área profissional que eu seguisse, então resolvi por em prática essa ideia já na universidade”, diz.

O impacto do Coral na vida de Pedro foi profundo. Além de promover um forte sentimento de pertencimento, o coral proporcionou uma rica troca de conhecimentos e experiências com pessoas de diferentes áreas, formações e trajetórias. Ele destaca o quanto é enriquecedor conviver com integrantes tão diversos, desde estudantes até mestres e veteranos do grupo. Para ele, cantar no coral é um momento de paz, lazer e bem-estar, mesmo exigindo dedicação e estudo.

Premiações

Atualmente, o Coral da UnB conta com 40 integrantes de diferentes idades e profissões. Reconhecido como um dos principais coros de Brasília, o grupo já conquistou diversas premiações em concursos nacionais e internacionais, como três diplomas de ouro no Concurso Internacional de Coros em Calella, Barcelona, o diploma de ouro e prêmio de melhor performance no Festival Lisboa Canta (2024) e outros.

Éder Camúzis, regente do coral há 24 anos, destaca que o grupo leva elementos da cidade mundo afora. “Fazemos

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Edgar Raman: “A gente vê as pessoas dançarem. Isso não tem preço”



Márcia Maria: “A música tem um poder impressionante na nossa vida”

questão de carregar no peito, e na voz, a afirmação de que ‘nós somos de Brasília’, exaltando com orgulho e celebrando toda a beleza e singularidade dessa cidade maravilhosa”, celebra.

Segundo Éder, a capital é uma cidade que canta, onde a música está presente de forma marcante, especialmente por meio do movimento coral, amplamente reconhecido. “Costumo brincar que não temos praia, mas temos muitos corais, bandas e músicos talentosos”, destaca. Ele afirma que Brasília é conhecida como a cidade do rock, mas também é a cidade do coral. “Quando participamos de festivais pelo Brasil e mencionamos que somos um coro daqui, sempre percebemos um grande respeito por parte dos outros estados”, completa.

Assim como Márcia, o regente também reconhece o poder da música para a qualidade de vida. “A música é terapêutica, e a música coral ainda possui uma série de elementos agregadores”, explica. Ele cita que, além de exercitar os músculos utilizados no canto e a respiração, estar em um coro é uma experiência coletiva que promove pertencimento e conexão.

A professora de inglês Carolina Mendes, de 43 anos, afirma que cantar no coro é seu momento de terapia. “Aqui é onde me sinto leve, focada no que me faz bem, que é cantar. É maravilhoso estar cercada de pessoas unidas pela paixão pela música e movidas pelo amor à arte”, conta. Graças a esse amor pelo canto, ela resolveu ingressar no Coral da UnB.

Alívio

Carolina destaca que, graças ao coral, teve a oportunidade de conhecer lugares que talvez nunca conheceria,

participando de concursos em diversas regiões do Brasil e do mundo. “Esses concursos geram muita tensão, mas ensinam muito sobre o preparo necessário para ser avaliado”, explica. Ela afirma ainda que aprende muito e também transmite seus conhecimentos ao público.

“É uma experiência rica, que vivo internamente, mas que também alcança quem está na plateia. O coral oferece acesso a uma variedade de repertórios, gêneros e estilos musicais, revelando a imensidão de formas de produzir e vivenciar arte”, compartilha.

Edgar Raman iniciou sua história no canto coral ainda na infância, no colégio. Agora, aos 66 anos, é médico epidemiologista e professor da Universidade de Brasília desde 1997. Nascido na Colômbia, chegou a Brasília para estudar, passou pelo Rio de Janeiro e pelos Estados Unidos, até retornar à capital federal como docente.

Ele conta que, desde sua época de universitário, sonhava em fazer parte do Coral da UnB, grupo do qual participa desde 2005. Para Edgar, o canto coral é mais do que um hobby ou válvula de escape: é trabalho, dedicação, escuta, disciplina e, principalmente, emoção. “A gente canta e encanta, e depois vê a emoção do público, vê as pessoas dançarem. Isso não tem preço”, celebra.

Ele fala com brilho nos olhos sobre a alegria das viagens, dos festivais, dos concursos. Ao refletir sobre a importância de grupos como o coral para a comunidade de Brasília, Edgar destaca o papel transformador da arte e ressalta o aprendizado contínuo proporcionado pela convivência com diferentes culturas e crenças: “Não é apenas tolerância, é respeito”, afirma.



Minha Brasília

ANA RAQUEL LELLES

Contemplo a vista

A prosa está animada para um sábado, até que a garçonete, com copos de plásticos, avisa que o bar na 410 Norte está fechando. Olho para meus amigos — um brasiliense, cuja família veio do Rio, e uma mulher que cresceu na Asa Sul em meio a cultura baiana — e sei que é o horário de partir. Ainda é estranho, já que de onde venho, a capital mineira, o horário de partida é apenas quando o sol aparece. Peço um carro de aplicativo, despeço e entro no veículo.

Contemplo a vista por fora da janela: a cidade sem prédios altos nem morros. Brasília é mais escura durante a madrugada, iluminação que convida para dormir, já que, a noite não é uma criança aqui. Mas o dia compensa. Cada raio de sol é uma oportunidade de encher o corpo de serotonina. Seja pelas paisagens que lembram um museu a céu aberto; o calor típico do Cerrado; as feiras com comidas, bebidas e artesanatos; o samba e o pagode, que ecoam

na cidade, apesar do rock ainda ser presente; e as pessoas...

Comento com o motorista como o brasiliense pode aparecer como alguém frio, com medo de intimidade. “Isso é culpa dessa localização. Pensa só, os candangos deixaram tudo de lado e vieram para o meio do nada construir uma nova etapa, não só na vida deles, mas no Brasil. E aí, os laços foram sendo criados como uma proteção. E como você já tem tudo dentro, é difícil deixar uma nova pessoa entrar”, responde, com um bom humor invejável para quem está trabalhando àquelas horas da noite.

Fiquei em silêncio, refletindo como foi difícil encontrar amigos no DF. Mas minha mente me leva para festas em que fui sozinha e voltei com memórias de danças e cantos desafinados ao lado de desconhecidos que me desejam feliz aniversário. A tática para me aproximar é sempre a mesma. Soltando o mineres, pergunto o típico: “De onde você é?”. A



resposta sempre me leva para conhecer a árvore genealógica. “Minha avó veio de Pernambuco, conheceu um paulista. Aí, já sabe, né?”, relata o motorista.

Penso na mistura cultural que cresce, como se um pedaço de cada estado se unisse em um cuscuz - prato este que comecei a comer aqui, assim como carne de sol, tapioca e as famosas “jantinhas”, que conhecia apenas como uma refeição com espetinho. Essa reflexão me leva direto a domingos no Eixão, em que, ao som de chorinho ou

jazz, um debate sobre chope rende uma tarde de conversas sobre diferenças entre as regiões do Brasil.

Diferente do inverno mineiro, não há frio em Brasília. O que há é uma queda na temperatura que faz os brasilienses saírem, pela primeira vez no ano, com blusas de manga comprida e jaquetas. Outra característica daqui são as intensas secas, que fizeram meu nariz sangrar no primeiro ano. Já me acostumei, assim como com os endereços. Certa vez, uma amiga mineira, carinhosamente, se

referiu a Superquadra Norte (SQN) como a gíria Só Que Não.

Na Asa Norte, o carro sobe o Eixinho aos 60 km/h, mas precisa diminuir a velocidade por conta de uma blitz policial logo a frente. A educação no trânsito no DF é algo que me encanta, ter as rotas facilitadas por um carro, o que é a realidade de muitos que usam o transporte público.

Outra reclamação que escuto é a “falta de entretenimento”. Não nego que me decepcionei, digo ao motorista. “Isso é no Plano. Tem muita coisa bonita para lá”, responde. Concorro. Certa vez, fui domada pela adrenalina da esperança de ganhar uma leitoa em um bingo no Guará. Que diversão!

Seja no Plano Piloto ou nas cidades satélites, Brasília tem um frescor. Assim como meu enterrâneo, Juscelino Kubitschek, deixei as montanhas mineiras para explorar um novo horizonte. Apesar das 12 horas que me separam de BH, me sinto em casa no meio Cerrado. Agradeço ao motorista e entro na quadra, atravessando os pilotis brancos para entrar no prédio. Aviso aos amigos da minha chegada, preparada para dormir junto à cidade.